

A ESCRITA INFANTIL: SENTIDOS E INTERPRETAÇÃO DOS REGISTROS DAS CRIANÇAS

Clésia da Silva Mendes Zapelini
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL
clesia.zapelini@unisul.br

Para iniciar...

Neste trabalho, trataremos da questão da constituição da escrita na Educação Infantil enquanto materialidade discursiva produzida pelas crianças em folhas de papel, pensando na sua relação com os possíveis efeitos de sentido e as condições de produção. Consideramos que as produções escritas, elaboradas na instituição escolar pelas crianças, constituem-se de diferentes relações de sentidos produzidos em diversas materialidades discursivas com os quais se relaciona a partir de seu contexto histórico e social. Nessa perspectiva, o objetivo consiste em analisar os efeitos de sentido e as condições de produção das materialidades discursivas produzidas em sala de aula no contexto da Educação Infantil.

Para adentrar esse universo infantil, começaremos dizendo que é pela noção de discurso enquanto produção de sentidos entre interlocutores, que podemos conhecer o

processo de produção de sentidos promovido por diferentes materialidades, historicamente constituídas nesse espaço da primeira infância. Percebemos também que o discurso da criança durante o envolvimento nas atividades e situações presentes no Centro de Educação Infantil funciona como constitutivo de sentidos. Dessa forma, o estudo em pauta apresenta o seguinte questionamento: Como as crianças atribuem sentido aos registros que antecedem ao período da alfabetização e assim, verificar como este acesso à linguagem escrita interfere na sistematização da língua?

O corpus de análise consistirá de seis produções escritas das crianças coletadas com base em observações registradas em caderno de bordo e registros fotográficos, a partir do envolvimento com as materialidades discursivas em uma turma de crianças que frequentam o III Infantil (4 e 5 anos), de uma escola da rede particular do município de Tubarão – SC. A observação aconteceu durante o ano 2012, perfazendo seis meses consecutivos.

Diante da falta de uma nomenclatura para designar as materialidades discursivas produzidas pelas crianças nesse contexto, que, por conseguinte, permeia o ambiente da escola, propomos, aqui, pensar esses registros gráficos, nomeando-os como *escrita de entremeio*. O entremeio será caracterizado por esse espaço em que as produções escritas das crianças desenvolvem-se por meio do deslizamento entre marcas do desenho e da língua escrita, ou seja, a criança ainda não está alfabetizada, mas está envolvida no contexto da cultura escrita. Vejamos seis produções considerando o modo de produção a fim de que se compreenda nossa formulação.



A metodologia a ser aplicada caracterizar-se-á por uma abordagem qualitativa, exploratória, sendo adotada do ponto de vista dos procedimentos técnicos, o estudo de caso. A tipologia aplicada foi da observação participante. O estudo de caso foi usado como estratégia de pesquisa a fim de coletar os dados e verificar como eles se constituem na prática.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa estabelecerá a observação participante com o propósito de acompanhar e conhecer, ao longo do processo, o que as crianças e a instituição escolar nos indicam de possibilidades de sentidos e condições de produção diante das diferentes materialidades discursivas.

A Análise do Discurso da linha francesa fundamenta esta pesquisa, constituindo, assim, o dispositivo teórico e analítico, não obstante, outras perspectivas teóricas também contribuirão com a presente discussão. As contribuições teóricas nos auxiliarão a pensar o lugar das produções escritas na Educação Infantil enquanto um lugar do significante, da interpretação e do entremeio. É nesse lugar em que a criança ocupa a sua posição de sujeito que significa e se ressignifica por meio do seu corpo infante, onde registra a sua própria performance.

Algumas discussões...

A ideia do trabalho não é modificar as práticas pedagógicas que vêm sendo desenvolvidas em sala de aula, mas tentar compreender e descrever os efeitos das relações da criança com a linguagem escrita. Dessa forma, os rabiscos e os desenhos produzidos, apresentados por meio de um emaranhado aparente, recusados pela gramática, ganham um estatuto de algo a ser interpretado, por trazerem em si sentidos na aparente falta de sentido. Essa linguagem escrita, constituída nesse espaço, passa a nos interrogar e os próprios pressupostos teóricos adotados até então, pois a criança lê e escreve fora do que é previsível pelo professor. Borges (2006) em sua pesquisa já questionava "É impossível que a criança use a linguagem sem conhecer como está estruturada? Que grau de conhecimento linguístico é possível atribuir às crianças?" Esses e outros questionamentos perpassaram também durante a pesquisa de Borges.

As crianças, em suas primeiras produções escritas, atribuem múltiplos efeitos de sentido para uma mesma materialidade. À medida que elas vão projetando os registros sobre a folha de papel, instaura-se a condição da linguagem enquanto incompletude, uma vez que nem o sujeito e nem o sentido são completos. Esses registros gráficos apresentados nas produções pelas crianças que não dominam o código linguístico ainda, funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. "Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível." (ORLANDI, 2010, p. 52).

Entretanto, ainda que a criança não domine o código linguístico, e mesmo o processo de significação sendo aberto, o sentido é regido e administrado. Ao fazer suas primeiras produções, o sujeito significa-os em condições determinadas pela língua, pelo mundo, pela memória discursiva e pelas relações de poder da instituição escolar. Nessa mesma perspectiva, podemos pensar o movimento, tanto referente à inflexão do corpo para a produção de registros escolares, como da própria subjetividade que adentra o mundo da escrita ocupando, assim, o lugar, a posição de aluno no ambiente escolar.

A constituição desses registros, para o adulto, pode caracterizar-se como algo que apresenta uma relação direta com o silêncio e a incompletude. "[...] esta incompletude não deve ser pensada em relação a algo que seria (ou não) inteiro, mas

antes em relação a algo que não se fecha.” (ORLANDI, 2004, p. 11). Dessa forma, vários sentidos podem ser pensados a partir dos registros da criança. No entanto, o silêncio “[...] é fundante (não há sentido sem silêncio) e esta incompletude é função do fato de que a linguagem é categorização dos sentidos do silêncio, modo de procurar domesticá-los. O silêncio é sentido contínuo, indistinto, horizonte possível da significação.” (ORLANDI, 2004, p. 11-12). Portanto, o sentido é algo aberto. Há muitas maneiras de significar as materialidades discursivas apresentadas pelas crianças.

A criança, ao entrar em contato com as diferentes materialidades escritas, pede-nos para decifrarmos o que ela escreveu naquele papel, nas formas indeterminadas e heterogêneas, e sentimos a necessidade de reconhecermos algo que parece nos escapar, ou seja, que sentido é manifestado pela criança durante o processo de constituição na *escrita de entremeio*? Para responder essa pergunta, precisamos deslocar o estatuto da linguagem de representação para o estatuto de interpretação. É preciso imprimir um novo olhar para os sentidos atribuídos pela criança, uma nova escuta e, quem sabe, uma nova prática.

Primeiros resultados...

Os primeiros resultados apontam que essas produções escritas como um modo de transição, ou seja, há um movimento em direção à escrita convencional, caracterizando o entremeio, o movimento. Essas produções nos apresentam múltiplos efeitos de sentido para uma mesma materialidade. No entanto, para os adultos podem ser considerados como algo incompleto. No universo adulto, muitas vezes, temos a ilusão de que ao estar alfabetizado e ao escrever nossos registros, o sentido está administrado e completo.

Ler, brincar, cantar, escrever fazem parte desse universo infantil, no entanto, aliada às condições de produção, a criança faz suas interpretações a partir do real e das suas formações imaginárias. Segundo Orlandi (2008, p. 111), “a finalidade é compreender a relação estabelecida entre a instância do real do sentido (e do sujeito) na ordem do discurso e a instância imaginária da organização, seja das palavras, das frases ou do texto em si.” Dessa forma, cada criança mobiliza a sua *escrita de entremeio* como uma marca de

singularidade, ou seja, cada uma busca sua posição de sujeito a partir da sua expressão discursiva, não como uma propriedade fixa do sujeito e do discurso, mas como um sempre por advir.

Interpretar as produções escritas, perceber a sua discursividade remete a um inverter nessa lógica da valorização restrita à escrita convencional, requer uma inversão dessa perspectiva, pensar no que a escrita da criança tem, mas não de sua falta. Como presença de marcas que nos remetem a muitas discursividades e não como ausência de palavras e sentenças. Portanto, observamos as produções das crianças como afirmação à textualidade e não como negação ao processo de escrita. Essa percepção contribui para que os Centros de Educação Infantil reflitam e criem diferentes condições de produção para que essa escrita contribua na formação da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, S. **O quebra-cabeça: a alfabetização depois de Lacan**. Goiânia. Ed. UCG, 2006.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 3ª Ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PACÍFICO, S.M.R. **Argumentação e autoria: o silenciamento do dizer**. Tese de Doutorado apresentada à FFCLRP/USP, 2002.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (trad. Eni Orlandi et ali) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.